



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROBERTA BATISTA DOS SANTOS

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS:
CONSIDERAÇÕES DOCENTES E DISCENTES**

**Rio de Janeiro
Novembro de 2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ROBERTA BATISTA DOS SANTOS

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS:
CONSIDERAÇÕES DOCENTES E DISCENTES**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ
como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ligia Karam Corrêa de Magalhães

**Rio de Janeiro
Novembro de 2017**

ROBERTA BATISTA DOS SANTOS

**AS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS:
CONSIDERAÇÕES DOCENTES E DISCENTES**

Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em:

Ligia Karam Corrêa de Magalhães

Jucinato de Sequeira Marques

Leny Cristina Soares Souza Azevedo

Dedico este trabalho aos profissionais de educação que estudam, trabalham e lutam por uma educação igualitária, diversificada, de qualidade e universal.

AGRADECIMENTOS.

Agradeço antes de qualquer pessoa a minha mãe, Sonia Maria Batista, pois sem ela, este trabalho nunca seria possível. Por ser minha base e meu fortalecimento, agradeço do fundo da minha alma tamanha dedicação e amor por mim e a seus netos.

Agradeço aos meus filhos por serem minha garra diária, pra sair todos os dias de casa e enfrentar esse mundo que nem sempre é bom conosco, busco e brigo pelo melhor pra nós, sempre por vocês.

Dedico meus agradecimentos a minha irmã Iris, ao meu cunhado Marcelo, e ao meu sobrinho Guilherme, por serem parte do meu amor, por me darem abrigo nos momentos iniciais da faculdade, e por tudo que fizeram por mim, meus filhos e minha mãe.

Agradeço pela motivação dos meus amigos mais próximos, pois sem a força diária eu não teria conseguido, vos nomeio pra que fique registrado todas as motivações, Isabel Lopes, Larissa Plantz, Renata Santos, Julia Coelho e Beatriz Rocha.

Agradeço imensamente aos meus professores da graduação e em especial a minha orientadora Ligia Karam, que mesmo com todas as minhas atribulações diárias não desistiu de mim, conseguiu me mostrar o caminho e seguir até aqui.

*Sendo eu um aprendiz,
A vida já me ensinou que besta é quem vive triste,
lembrando do que faltou, magoando a cicatriz, esquece de ser feliz, por tudo o que
conquistou...*

*Afinal, nem toda lágrima é dor, nem toda graça é sorriso, nem toda curva da vida, tem uma
placa de aviso,
nem sempre que você perde, é de fato um prejuízo, o meu ou o seu caminho, não são muito
diferentes...*

*Tem espinho, pedra e buraco 'pra mode' atrasar a gente, não desanime por nada , pois até
uma topada, empurra você pra frente...*

*Só eu sei cada passo por mim dado, nessa estrada esburacada que é a vida,
passei coisas que até mesmo Deus duvida,
fiquei triste, capiongo, aperreado, porém, nunca me senti desmotivado, me agarrava sempre
numa mão amiga e de forças minha alma era munida...*

*Pois do céu a voz de Deus dizia assim: suba o queixo, meta os pés, confie em mim / vá pra
luta que eu cuido das feridas.*

Bráulio Bessa

Sumário

INTRODUÇÃO:	10
CAPITULO I – A CONSTRUÇÃO DA EJA ATUAL: PANORAMA HISTÓRICO E SUAS ESPECIFICIDADES	12
CAPITULO II – O ENSINO E SUA ABRANGÊNCIA EM FOCO	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42

Resumo

SANTOS, Roberta Batista. **As novas tecnologias no ensino de jovens e adultos: considerações docentes e discentes.**

Rio de Janeiro, 2017. Monografia - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

Esta monografia discute sobre a utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) por parte dos professores do Ensino Fundamental junto aos alunos do Ensino de Jovens e Adultos. Do ponto de vista metodológico a pesquisa de campo é complementada por pesquisa bibliográfica e documental, buscando fundamentar a análise sobre o uso de tecnologias nas propostas levadas às salas de aula, bem como a apropriação destes aparatos por parte dos docentes e dos estudantes nos processos de ensino-aprendizagem e, mais especificamente na/para a educação de jovens e adultos – EJA. Toma os estudos de Pretto (2005, 2008, 2012), Fischer (2006), Deluiz (1996), Di Pierro et al (2001), Rodrigues (2010), Curto (2009), Rolim(2015) dentre outros autores referência no campo, para embasar teoricamente a discussão sobre o(s) acesso(s) e uso(s) às TIC. Utilizamos como instrumento de investigação questionários aplicados junto ao corpo docente e discente nos dois turnos em que a escola¹ funciona. No intuito de contribuir no estudo, abordo minha prática de estágio realizada em uma escola Municipal voltada para o ensino de jovens e adultos modular, localizada no centro do Rio de Janeiro, onde os novos alunos são avaliados como forma de triagem para que sejam direcionados ao módulo de acordo com a série correspondente. Os resultados apontam que professores e estudantes ainda tem um longo caminho a trilhar no que diz respeito ao uso e acesso às TIC, corroborando com a discussão dos autores que fundamentam esta monografia quanto as imprecisões sobre a sua presença nas escolas e onde prevalece o caráter instrumental e pragmatista, em detrimento da apropriação destes aparatos por parte dos usuários que possibilitassem ampliar e enriquecer processos de escolarização, além alargar o caráter inclusivo da educação.

Palavras-Chave: educação de jovens e adultos, tecnologias da informação e da comunicação,

¹Por solicitação da Escola que está situada no centro da Cidade do Rio de Janeiro, e é um centro de referência não divulgarei seu nome.

Abstract:

SANTOS, Roberta Batista. **The New Technologies In Teaching Youth And Adults: Teaching Considerations And Discussions.** Rio de Janeiro, 2017. Monografia - Faculty of Education, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

This monograph discusses the use of information and communication technologies (ICTs) by elementary school teachers with students in youth and adult education. From the methodological point of view, the field research is complemented by bibliographical and documentary research, seeking to base the analysis on the use of technologies in the proposals brought to the classrooms, as well as the appropriation of these apparatuses by teachers and students in the processes of teaching-learning and more specifically in / for youth and adult education - EJA. He also studied Pretto (2005, 2008, 20124), Fischer (2006), Deluiz (1996), Di Pierro et al (2001), Rodrigues (2010), Curto (2009) and Rolim (2015) among other field, to theoretically base the discussion on access (s) and use (s) to ICT. We used as research instrument questionnaires applied to the faculty and student in the two shifts in which the school works. In order to contribute to the study, I approach my internship at a municipal school focused on teaching youth and adults modular, located in the center of Rio de Janeiro, where new students are evaluated as a way to be screened for according to the corresponding series. The results point out that teachers and students still have a long way to go with regard to ICT use and access, corroborating with the discussion of the authors that base this monograph on inaccuracies about their presence in schools and where the instrumental character prevails and pragmatist, to the detriment of the appropriation of these apparatuses by the users that made possible to amplify and enrich processes of schooling, besides extending the inclusive character of education.

Keywords: Information and communication technologies, youth and adult education,

INTRODUÇÃO:

O objetivo central dessa monografia é refletir sobre a presença e o uso das tecnologias da informação e da comunicação – TIC nos cursos de educação de Jovens e Adultos - EJA, motivada por minha atuação como estagiária do Curso de Pedagogia da UFRJ, com essa modalidade de ensino. Essa reflexão teve maior embasamento a partir do levantamento das propostas pedagógicas por parte dos docentes, de várias áreas do conhecimento, através de pesquisa de campo na qual foi aplicado questionário elaborado de forma a abranger questões pertinentes ao estudo. As análises dos discursos docentes e discentes sobre a presença/ausência das TIC e suas implicações quer nas práticas pedagógicas levadas as salas de aula, quer nos resultados obtidos pelos estudantes, pretendeu apontar para a necessária reflexão sobre a importância de tecnologias como recursos a serem incorporados nos processos de escolarização visando ampliar formas de trabalhar em sala de aula, na qual o conhecimento, troca de saberes, inclusão digital e social se tornem parte da formação.

Nosso trabalho privilegiou a pesquisa de campo como procedimento metodológico sem, contudo, prescindir do estudo de documentos das políticas educacionais e de pesquisa bibliográfica, baseado nos autores de Pretto (2005, 2008, 2014), Fischer (2006), Deluiz (1996), Pierro et al (2001), Rodrigues (2010), Curto (2009), para fundamentar teoricamente as análises feitas.

A hipótese inicial levantada foi de que o apoio pedagógico para incorporação de TIC, oferecido a professores e estudantes poderia constituir-se em melhor aproveitamento do processo de ensino aprendizagem de EJA, garantindo-se a qualidade da educação desse alunado que, além do seu aproveitamento no convívio com novas tecnologias, também estaria sendo inserido num contexto social. Promover a inclusão em todas as esferas do mundo contemporâneo é, acima de tudo, trazer não apenas a aproximação, mas sim acessos, formas de fazer e usos plurais, que atendam demandas próprias dos indivíduos na coletividade em que convivem, para que possam ao apropriar-se das tecnologias sentirem-se pertencentes em todas as dimensões do desenvolvimentos humano.

Na pesquisa elaborada para estes sujeitos, temos a questão central problematizadora sobre a utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) por parte dos professores do Ensino Fundamental junto aos alunos do Ensino de Jovens e Adultos, ou seja, buscar entendimento de como as TIC estão presentes nesta modalidade de ensino.

Esta monografia está organizada em três capítulos, iniciando pela apresentação e análise das abordagens das políticas educacionais sobre a EJA e da fundamentação bibliográfica em

perspectiva crítica acerca do usos de TIC na educação e, especialmente na EJA. Assim, discute a EJA: legislação atual, breve histórico desta modalidade de ensino e o Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), organização e trajetória do mesmo no município em que foi feita a pesquisa de campo. A fundamentação teórica, com base nos autores eleitos, permitiu destacar aspectos centrais sobre o uso, anseios, receios, rejeições, fantasias, entre praticas pedagógicas, acesso(s) e inovações propalados nos documentos trabalhados e a realidade declarada pelos entrevistados.

O segundo capítulo apresenta a escola: ambientação, organização e funcionamento junto às turmas de EJA. Caracteriza os sujeitos da pesquisa, aponta a organização do trabalho aplicado, a elaboração dos questionários, assinala as observações do que vivenciei na pesquisa e de minha trajetória como motivação para escolha do tema deste estudo. O capítulo finaliza com as análises gráficas dos dados coletados.

No terceiro e último capítulo teço as considerações finais, a partir do estudo empreendido nos dois primeiros capítulos, resgatando os objetivos traçados, a hipótese levantada, ancorada na fundamentação teórica e análise dos dados coletados

Por fim, estão as referências bibliográficas e anexos: questionários e respostas dos sujeitos entrevistados.

CAPITULO I – A CONSTRUÇÃO DA EJA ATUAL: PANORAMA HISTÓRICO E SUAS ESPECIFICIDADES

A Educação de Jovens e Adultos por muitos anos foi vista apenas como uma modalidade de ensino para preencher o percurso escolar dos jovens que estão fora da idade regular de ensino e adultos que abandonaram os estudos, ou que não continuaram por qualquer eventualidade sua permanência no modulo de ensino fundamental. Acompanhamos o progresso diário da sociedade brasileira e mundial que exige recursos humanos cada vez com mais processos de aprimoramento, mão de obra qualificada e, para tanto, oferece formação continuada/treinamento, seja na empresa, seja na escola.

Atualmente a expectativa na população em geral e, especialmente nos alunos deste segmento do ensino está em se adequar a esta sociedade que cobra cada vez mais mão de obra com a utilização dos meios tecnológicos. Assim, muitos buscam no ensino a possibilidade de contato com as TIC como forma de habilitação/competência profissional para inserção no mercado de trabalho. Ocupar espaços numa sociedade requer saber lidar com o que hoje pode parecer “casualmente fácil”, mas ainda está distante da realidade de uma parcela significativa da população, seja pelas impossibilidades de acesso, seja por acessos restritos e precarizados, o que se traduz em dificuldades de entendimento e utilização, temores e afastamento. .

A história da educação de jovens e adultos no Brasil teve seu início com a chegada da igreja católica e a iniciativa dos jesuítas. Num salto secular para a educação de Jovens e adultos, na década de 1960, surgiu o Movimento de Educação de Base, administrada pela Igreja Católica. Foi nesta mesma década que a Lei 4.024 (BRASIL, 1961) estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação e abordou como direito de todos e indicou a criação de classes especiais no ensino primário e a criação de classes especiais para a alfabetização, com a iniciação de cursos supletivos e de exames com certificação do curso ginásial. Em 1963 o governo lança o Plano Nacional de Alfabetização - PNA, consequente ao trabalho realizado por Paulo Freire na qual o educador visava à conscientização dos populares através da educação e cultura, numa cruzada contra o analfabetismo. Nesses Movimentos de Educação Popular, os intelectuais, professores e estudante e principalmente o Método Paulo Freire impulsionaram a elaboração do PNA por parte do Ministério da Educação, na pessoa dos ministros Paulo de Tarso e Julio Sambaqui, que viabilizaram a elaboração do plano, desde montagem da equipe coordenadora, a seleção, o treinamento e a contratação dos animadores, assim como a pesquisa do universo vocabular, a

escolha das palavras geradoras, a preparação do material didático, porém o mesmo foi descontinuado no início de abril de 1964.

Na década seguinte o Plano Nacional de Alfabetização é substituído pela Cruzada ABC, iniciativa de origem evangélica, pois até então havia a primazia da igreja católica na educação brasileira, desde a época jesuítica. A organização foi balizada pelo governo norte-americano, com verbas oriundas dos acordos Ministério da Educação (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID). Ainda na década de 70, registra-se outro programa de impacto nacional: O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e a multiplicação dos exames supletivos.

Nos anos seguintes, mais precisamente na década de 80, conferências internacionais demandam o reconhecimento da EJA como uma área importante da educação e, seguindo essas orientações, ocorrem fóruns estaduais e nacionais.

Nessa década houve a entrada agentes sociais diversos como provedores dessa modalidade de ensino em conjunto com o governo brasileiro, apontando para a “[...] redefinição do papel do Estado no financiamento e provisão de serviços sociais básicos, que deixou abertas lacunas, progressivamente ocupadas por agentes sociais diversos” (DI PIERRO, 2001, p. 327). E na década de 90, novos agentes da sociedade civil incorporaram-se ao rol dos provedores de programas, onde se observa a multiplicação destes, articulando a política nacional de EJA, estabelecendo assim três novos paradigmas:

- Descentralização - a política educacional e o desenho dos programas eram definidos no âmbito federal e desenvolvidos em regime de co-financiamento.
- Focalização - delimitação de recursos, o investimento público visando mais eficácia quando direcionado a porções do território nacional ou sub grupos populacionais para os quais esse benefício resulte maior impacto positivo.
- Parceria - definir tanto a relação contratual estabelecida entre governos estaduais e fundações privadas que produzem programas de educação pela TV, quanto para designar convênios mantidos por governos municipais ou estaduais com organizações comunitárias para o desenvolvimento de movimentos de alfabetização de jovens e adultos.

Nos anos de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 (BRASIL, 1996) legisla sobre a modalidade de EJA, garantindo escolaridade aos jovens e adultos que “não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (Art., 37).

Nos dez anos posteriores a promulgação da LDB foram apresentados vários programas entre os governos FHC e o governo Lula, tais como a Alfabetização Solidária, o Brasil Alfabetizado, o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PROJOVEM), o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC).

Nos anos 2000, através do Parecer 11 (BRASIL, 2000) são editadas as Diretrizes curriculares para a Educação de Jovens e Adultos - Diretrizes, estabelecendo três funções para a EJA:

- Função equalizadora – objetiva promover a cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos da sociedade possibilitando-lhes a reentrada no sistema educacional.
- Função reparadora - significa a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade e o reconhecimento de igualdade de todo e qualquer ser humano.
- Função qualificadora - confere que a educação de jovens e adultos deve ser vista como uma promessa de qualificação de vida para todos, propiciando a atualização de conhecimentos por toda a vida. Isto é a função permanente da educação de jovens e adultos.

Tais Diretrizes, vigentes até os dias atuais, nos fazem entender que essas iniciativas resultaram no que temos hoje na EJA e no município do Rio de Janeiro.

O PEJA – Programa de Educação de Jovens e Adultos é o programa atual para essa modalidade de ensino e teve destaque a partir da segunda metade da década de 80, vindo como sequência do PEJ – Programa de Educação Juvenil. Assim, desde 1985, fez parte do Programa Especial de Educação coordenado pelo educador e vice governador Darcy Ribeiro, no primeiro mandato de Leonel Brizola (1982 – 1986), destinado ao público na faixa etária de 15 a 20 anos que não havia frequentado a escola ou que não haviam terminado o ensino primário, ou seja, da primeira à quarta série. Para Branner (2005), nesses 20 anos de atuação, podemos distinguir três fases na história do PEJA:

- Criação do Programa e implantação acelerada;
- Crise e sobrevivência em algumas escolas, pelo empenho de poucos professores e mobilização dos alunos;
- Reestruturação, expansão e consolidação.

Inicialmente, a organização curricular do ensino de EJA tinha abrangência das disciplinas de Português, Matemática, Realidade Social e Cidadania, Saúde, Educação Física e Cultura. O programa era voltado para a prática de leitura e escrita, objetivando facilitar a formação da identidade do aluno. Após dois anos de ensino estruturado, verificou-se a necessidade de expansão do currículo, uma reivindicação dos profissionais e dos alunos que pretendiam seguir os estudos. A abrangência do programa ficou da seguinte forma, PEJA I, correspondendo ao 1º segmento do Ensino Fundamental, e PEJA II correspondendo ao 2º segmento sendo, cada segmento desdobrado em dois blocos, como especificado abaixo:

PEJA I atenderia jovens de 14 a 22 anos iniciados no Bloco 1 na alfabetização, entendida como capacidade de relacionar texto e contexto, mantendo-se a presença das diversas áreas do conhecimento, numa abordagem interdisciplinar e introdutória; no Bloco 2, essas áreas começariam a ser trabalhadas em suas especificidades; PEJA II atenderia jovens de 14 a 25 anos, que não concluíram o Ensino Fundamental, também em dois blocos, com 870 horas cada, cabendo a cada componente curricular 60 horas em cada unidade de progressão, perfazendo 180 horas no bloco (BRENNER, 2012, p.5)

As avaliações foram definidas como participativa e continua, ou seja os alunos são avaliados durante todo o processo dos conteúdos programáticos, elaborados pela Secretaria Municipal de Educação. No entanto, é conferida autonomia aos professores para que também apliquem estudos elaborados por eles, de acordo com cada disciplina. Para o avanço dos blocos, são realizados conselhos de classe mensais, onde os professores avaliam os avanços dos alunos sem conjunto com a Coordenação Pedagógica da instituição, podendo então progredi-los aos outros blocos de desenvolvimento, visando sempre o desenvolvimento do aluno e se realmente ele está apto a seguir para o próximo bloco. Esta metodologia é aplicada até os dias atuais.

Essa estrutura de blocos de ensino foi regulamentada pelo Conselho Municipal de Educação do Rio de Janeiro através da Deliberação 03/99, que aprovou o caráter de terminalidade com data retroativa a 1998, a todos os jovens e adultos frequentando tal modalidade de ensino. No conselho 06/2005, em acordo com a Lei nº 9.394/96, atende à demanda de solicitantes, sendo alunos e professores, o atendimento foi ampliado também para adultos, alterando-se a designação de PEJ para PEJA. Esse conjunto de procedimentos não só validou a experiência realizada como contribuiu para definir a política municipal de EJA.

A LDB em sua seção V artigos 37 e 38 delibera que o ensino de jovens e adultos deverá ser destinada àqueles que não tiveram acesso ou interromperam seus estudos na idade própria e sobre o prosseguimento do estudante em caráter regular, conforme segue:

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996).

No inciso 3º do mesmo artigo, a Lei diz que a educação de jovens e adultos deverá articular-se com a educação profissional, e ao analisar a Lei nº 11.741, que corresponde a Lei da Educação Técnica e Profissional, de 2008 a mesma aborda a educação profissional aliada à educação tecnológica, cumprindo os objetivos da educação integrada às dimensões do trabalho, da tecnologia e da ciência. Podemos observar que desde 2008 há uma preocupação legislativa quanto à incorporação de tecnologias na modalidade da EJA. A expectativa é a de que a utilização desses recursos possibilite “novas educações” (PRETTO, 2008), remetendo ao conceito de letramento digital, na qual o sujeito denomina “um conjunto de práticas sociais que usam as escritas enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2004, p.19).

A utilização de tecnologias para esses jovens e adultos deverá ser a mesma oferecida no ensino regular, buscando, desta forma, igual desempenho pedagógico. Com isso as instituições de ensino precisam adequar suas práticas ao contexto dos educandos deste segmento (EJA), inclusive propiciando o acesso as tecnologias digitais que para muitos representa a porta de entrada para o mundo moderno, para o mundo tecnológico.

Estudos e pesquisas em perspectiva crítica, defendem que a inserção de TIC na educação pressupõe atender a necessidade de continuidade do processo de ensino–aprendizagem a partir de práticas sociais presentes no cotidiano de crianças, adolescentes e adultos, onde o docente é o cultivador desse processo de ambientação entre o aluno e a tecnologia. Nesse sentido, Pretto nos remete a uma boa discussão:

Desafios postos, torna-se necessário ir além desses obstáculos e considerar as possibilidades de transformação social a partir da produção de informação e conhecimento; no contexto da cultura digital, é evidenciar o forte vínculo entre cultura e educação, condição necessária para que as mudanças se dêem de modo irreversível e significativo. No campo da educação, formulamos a ideia de que a incorporação

dessas tecnologias não pode se dar meramente como ferramentas adicionais, complementares, como meras animadoras dos tradicionais processos de ensinar e de aprender. As tecnologias necessitam ser compreendidas como elementos fundantes das transformações que estamos vivendo (PRETTO, 1986) buscando ser incorporadas através de políticas públicas para a educação o que ultrapassem as fronteiras do próprio campo educacional, para, comisso, poder trabalhar visando ao fortalecimento das culturas e dos valores locais (PRETTO, 2008, p. 80).

Pretto aponta à necessidade de uma introdução a cultura tecnológica na escola, pois é por ela que muitas pessoas começam suas experiências e suas novas trajetórias de vida, podendo ser seu contato inicial com as TIC. Porém, há a necessidade de ter cuidado de não ser apenas uma ferramenta de ensino aprendizagem, mas de recursos na qual professores e estudantes se apropriem e ampliem seus usos para além do instrumental, trazendo a possibilidade de incorporação de usos que atendam demandas próprias e do sentimento de pertencimento de um mundo cada vez mais tecnológico.

A motivação do ensino tem fator determinante para que haja o fortalecimento do conhecimento principalmente no ensino modular da Educação de Jovens e Adultos, sendo assim, as políticas públicas possuem papel de protagonismo na introdução desta ferramenta como forma de diversidade, por essa razão a legislação e tudo que rege a educação tem que estar equiparada e entrelaçada para que os objetivos de qualidade, de inclusão de formação plena, dentre outros, sejam alcançado.

Analisando os cadernos dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, em consulta realizada no *site*² do Ministério da Educação - MEC temos para o primeiro segmento do ensino fundamental que compreende da 1ª a 4ª série, os parâmetros que são indicados ao ensino de jovens e adultos, verifiquei que nas disciplinas de Matemática e Português a tecnologia não é abordada num contexto elaborado em indicação de ensino. Consegui perceber apenas a palavra tecnologia abordada em pontos distintos, dentre eles nos Fundamentos e Objetivos Gerais e na Contextualização Social, com o apontamento na seguinte atuação:

A dimensão econômica: O mundo contemporâneo passa atualmente por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas do trabalho. Estão sendo desenvolvidas novas tecnologias e novas formas de organizar a produção que elevam bastante a produtividade e delas depende a inserção competitiva da produção nacional numa economia cada vez mais mundializada. Essas novas tecnologias e sistemas organizacionais exigem trabalhadores mais versáteis, capazes de compreender o processo de trabalho como um todo, dotados de autonomia e iniciativa para resolver problemas em equipe. Será cada vez mais necessária a capacidade de se

² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/13533-proposta-curricular>. Acesso em: 24/10/2017

comunicar e de se reciclar continuamente, de buscar e relacionar informações diversas (BOVO,2002, p107).

É apresentada então preocupação com meio social de trabalho voltado para a tecnologia, e não uma abordagem de ensino dessa tecnologia, mas sim, um receio de ampliação dessa utilização e com isso o inchaço de pessoas que não possam ser utilizados como força de trabalho alterando os aspectos econômicos.

Encontramos também na dimensão econômica, nos mesmos Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN, que essas inovações se relacionam com a manutenção das formas de trabalho tradicionais, que utilizam tecnologias retrogradadas e onde a maioria exerce funções que exigem pouca qualificação. Nas zonas urbanas, alunos de EJA normalmente são empregados com baixa qualificação no setor industrial, comercial e de serviços, e uma grande parte atua no mercado informal, temos então uma desvalorização desse público no mercado de trabalho por conta da falta de qualificação, da falta de perspectiva do meio social em que vivem, nessas funções eles tem poucas oportunidades para novas adequações e novas funções, a educação formal é então uma via de saída para novos anseios, novas perspectivas e novas histórias a serem traçadas.

Na proposta da disciplina de Matemática, a abordagem inicial das TIC emerge a necessidade de adequação aos dias atuais, onde temos um avanço contínuo das utilizações, adaptações e maiores buscas de um aprendizado que inclua e atenda tais demandas diárias dessas rotinas, da utilização dessas novas tecnologias. A objetividade dessa necessidade está nas pessoas que atuam no mundo, com suas atividades cotidianas, como ir ao mercado, ao banco, na utilização de caixas eletrônicos e outros afazeres, os alunos da EJA que muitas das vezes, estão em situações que não conseguem realizar sem a ajuda e o auxílio de alguém por quê não tem como fazê-los sozinhos, essa evidência já é uma forma de detecção da importância dessas abordagens das TIC na sala de aula.

Vila Nova (2008, s/p) indica e sugere como usar o computador na prática da sala de aula, para a disciplina de matemática, conforme segue “Além de ensinar o uso da calculadora, tanto convencional como no Excel, o educador pode usar de ferramentas para desenhos de formas geométricas, como seria interessante deixar uma régua e um lápis, que também são importantes, e desenharem num computador”.

Nos mesmos PCN, também não há qualquer indicação do uso ou abordagem da Tecnologia para a sala de aula, e para o dia a dia do aluno, na disciplina de Português. Em um dos tópicos se fala de jornais como meios de comunicação e sua função e organização, mas não se tratam de TIC, e sim de materiais impressos que, entendendo que trazendo para os dias atuais as publicações ocorrem muito mais em meios digitais do que em jornal impresso. A importância

é a informação chegar ao indivíduo e que ela tenha real entendimento do que lê e interpretar, o trabalho a ser realizado nessa perspectiva é bem presente para as novas utilizações.

Destaco que outras formas de linguagem oral que estão como objetivos didáticos que podem ser explorados em meios tecnológicos presentes nas salas de aula, tais como:

- O Alfabeto;
- Letras, sílabas e palavras;
- Versos, poemas e letras de músicas
- Bilhetes e Cartas
- Jornal.

Vila Nova ainda nos indica novos horizontes para esta atuação do ensino como:

Pode-se dentro das ferramentas de imagens, escolher algumas e solicitar do aluno que crie uma história com as imagens apresentadas ou até mesmo mostrar uma história e desenhar as imagens e personagens, contendo até mesmo versões de suas próprias histórias, com protagonistas e antagonistas de vivências reais.

A utilização das tecnologias e principalmente do computador, que é o mais comumente utilizado nos meios educacionais, se torna uma ferramenta adaptável aos diferentes estilos de aprendizados e ensino, sendo inteirado aos vários tipos de níveis e capacidades e interesses intelectuais, vale o estímulo e a motivação para este tipo de engajamento para o alunado. Nos dias atuais com tantos aplicativos e ferramentas da internet, que por mais que não tenham sido elaborados com o viés de ensino, podem ser utilizados como recursos de associação ao ensino. As ferramentas de buscas também podem ser de grande valia para aplicação de pesquisas de leituras de conteúdos de interesse do próprio aluno, ou até mesmo abordagem de assuntos da atualidade, suas contextualizações e ainda assim aliado ao Word, onde abre ainda a indicação de interação de leitura do conteúdo com a escrita digital, na formação de suas próprias criações. Todas essas práticas no início podem indicar um desarranjo do que é tido no cotidiano da sala de aula, pois além de se mudar o ambiente, a rotina muda como um todo, a ansiedade deve ser controlada para um êxito nessas realizações.

Temos ainda divulgado pelo MEC, a Coleção Educação para Todos (BRASIL,2007) com uma grande abordagem na Educação de Jovens e Adultos lançado no ano de 2007, com a seguinte indicação:

Com relação à introdução de recursos tecnológicos na educação, falta debate público e articulação entre as esferas de governo. A teleducação, tecnologia emergente de educação à distância, entendida como recurso complementar de ensino, não vem sendo objeto de produção descentralizada e recepção organizada em larga escala, como seria desejável. No enfrentamento dos problemas da qualidade da EJA, há

consenso de que as universidades muito têm a construir nos campos da formação e aperfeiçoamento dos educadores, assessoramento dos sistemas de ensino, elaboração de materiais educativos e na pesquisa educacional. Diversas instituições de ensino superior já vêm oferecendo contribuições à EJA nos âmbitos da pesquisa, assessoria, formação de professores e implementação de projetos. Seu envolvimento com o tema, porém, ainda é marginal, o que se reflete na pesquisa acadêmica, quantitativamente inexpressiva e pouco difundida. (Coleção Educação Para todos, 2005, p.21)

CAPITULO II – O ENSINO E SUA ABRANGÊNCIA EM FOCO

Na trajetória do curso em Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, nós, alunos da graduação, tivemos no nosso currículo pedagógico diversas disciplinas que envolvem as áreas para a formação de um profissional de educação, dentre elas, cinco disciplinas de estágios práticos que objetivam a aproximação dos estudantes com o campo de atuação mais frequente do futuro Pedagogo. Realizei duas dessas disciplinas de estágio: Educação de Jovens e Adultos e de Gestão Educacional em uma escola da Rede Municipal de Ensino localizada no Centro do Rio de Janeiro, referência no ensino de EJA. Essas práticas me impulsionaram a definir meu objeto de estudo para essa monografia, uma vez que questões sobre o acesso e usos das TIC eram problematizadas por professores e estudantes, conforme veremos adiante

Esta escola possui dois turnos de ensino, segmento de ensino do Programa de Educação de Jovens e Adultos - PEJA I e II, cada um deles com duas horas/aula e quinze minutos de intervalo. Pela manhã funciona entre 07:30 e 12:00 e, à noite entre 19:45 às 22 horas. À tarde não há aulas regulares, porém são oferecidas outras atividades, como a sala de leitura que fica aberta em alguns períodos do dia durante o funcionamento da escola, com professores que são responsáveis pela introdução de livros no dia a dia dos estudantes, essa escola é um Centro de Referência na Educação de Jovens e Adultos, contando com 15 professores, 2 coordenadoras pedagógicas e uma diretora para atender 125 alunos na modalidade presencial. Esta escola também tem a modalidade de Educação a distância, e conta com professores e alunos que estão dentro do convívio das TIC.

A pesquisa realizada para esta monografia destaca o papel do professor no ensino que é disponibilizado no laboratório de informática com o aproveitamento da disciplina e o espaço que a escola dispõe, inclusive com a disponibilidade dos dois computadores antigos que fazem parte do refeitório da escola, de livre acesso aos alunos.

Nesta escola foram pesquisados 125 alunos de EJA, entre homens e mulheres, dos dois turnos: manhã e noite. Inicialmente esta pesquisa seria realizada apenas no turno da noite, para que minha experiência com a prática de estágio tivesse mais consistência, pois foi neste turno que realizei minhas horas de estágio para o curso de Pedagogia e pude presenciar o meu objeto de pesquisa para este trabalho. Ao conversar com a coordenação da escola, explicando meu objetivo com a pesquisa, me solicitaram que realizassem em todas as turmas, do turno da manhã e da noite, horários que são disponibilizadas as aulas disciplinares e onde ocorre a exploração das aulas com o uso de computadores e dispositivos áudio visuais. Para minha surpresa a escola

já estava em busca de dados para promover uma melhoria dessas aulas e precisavam de uma pesquisa como esta, inclusive, disponibilizei os dados previamente a escola para que apresentassem em um conferência que a escola participaria, antes mesmo da minha análise, não tive depois dessa solicitação maiores informações de onde foi disponibilizada essa pesquisa e nem a quem ela foi apresentada por parte da escola. Os dados que trarei são de minha análise, com as abordagens dos textos estudados dos teóricos já os mencionados no início do trabalho.

A primeira parte da aplicação do questionário ocorreu ao fim da aula do primeiro horário do turno da manhã e início do horário do turno seguinte. A segunda parte foi aplicada no início das aulas dos horários do turno da noite. Apresentei-me como aluna da UFRJ. Muitos alunos ainda lembravam de mim, da época das práticas que exerci na escola, e expliquei o que queria daquelas perguntas, alguns de meus objetivos e fui bem objetiva com eles também, e de uma maneira informal disse que o que me levou a fazer essa pesquisa com eles resultou dos dias que passei lá com eles e que era para a busca de melhorias no ensino que me preocupei em fazer justamente com eles, com quem tive empatia desde o início, e pelo que conhecia dos alunos, entendia que me atenderiam bem.

Nestes estágios convivi com estudantes das duas turmas de PEJA I do turno da noite. Na turma 171 do bloco de ensino PEJA I, me deparei com um grupo de alfabetização composta por duas mulheres e quatro homens com idade média de 40 anos.

As aulas são ministradas de segunda a sexta-feira, sendo as terças-feiras com aulas de música e, as sextas-feiras, disponibilizadas para atividades culturais, programadas previamente pela escola em parceria com teatros, museus, parceiros da cultura e da Prefeitura do Rio, que oferecem apoio e motivação para práticas cidadãs, aproximando-os de atividades culturais e, assim, almejando torná-las práticas cotidianas em suas vidas.

A certificação de conclusão da prática para o estagiário, é fornecida quando totalizamos 90 horas de hora/aula, e foi em uma das aulas para esta turma que detectei meu objeto de pesquisa, mais precisamente no estágio de Prática de Educação de Jovens e Adultos.

A escola possui um laboratório de informática que fica localizado no segundo andar da unidade, onde os professores podem realizar atividades de acordo com o conteúdo curricular programático. Em um dos meus dias de estágio, a professora da turma que eu estava acompanhando elaborou uma aula de Português, na qual os alunos deveriam elaborar algum trabalho cujo conteúdo envolvesse a escrita no computador.

A reação dos alunos frente à proposta pedagógica da professora apontou dificuldades de uso das TIC, ao demonstrarem receio, verbalizando que não queriam participar da aula, pois

“não sabiam” como ligar o computador, quem dirá produzir algo. Em sala, a professora esteve acompanhada de mais duas estagiárias para acompanhar essa turma de seis pessoas.

A professora e os dois estagiários, sendo eu uma delas, ligam os computadores, sem qualquer tipo de explicação aos alunos que se sentaram, cada um frente a um aparelho completo: monitor, teclado e mouse. Abrimos a ferramenta Word que seria utilizada para produção da proposta: de texto de qualquer gênero textual que quisessem e fosse mais interessante para cada aluno, como memórias, receitas e recados.

Enquanto fazíamos a habilitação das máquinas, continuaram comentando sobre como iriam utilizar e, mesmo informados de que teriam nosso auxílio, mostravam-se temerosos com a atividade. A professora então anunciou que eles poderiam começar, e que para tanto deveriam escrever seus respectivos nomes no início da folha.

Uma das alunas exclamou:

- Professora, que folha? Só tem um negócio branco na tela.

A professora então explicou que o que estava em branco, indicava uma folha de papel em branco. Começamos a atividade e observamos a falta de controle ao pressionar as teclas para digitar, pois dependendo da forma, as letras se repetiam diversas vezes e com isso tinham que apagar o que já haviam escrito, e em repetidas vezes, não adiantava sinalizar sobre essa escrita, essa digitação, eles queriam ver o que eram capazes, por mais que estivessem errados sobre o que estavam escrevendo, não queriam apagar seus feitos.

Alguns minutos depois a aflição deu lugar a uma euforia repentina, quando começaram a ver seus nomes se formado com as letras digitadas “na folha em branco”.

- Nossa, é mais fácil escrever assim do que na mão, é só saber qual é a letra que temos que colocar uma depois da outra. Exclamou uma das alunas.

-Agora quero que cada um escreva o que decidir escrever sobre si. Seja uma receita, a história de vida, ou algum conto inventado. Falou a professora.

Assim, eles começaram a pensar no que poderiam/gostariam de contar. Esta turma era constituída por seis alunos entre os 18 e os 65 anos e, para alguns foi o primeiro contato com uma tecnologia, numa aula diferente das demais. A inclusão digital estava presente, embora não fosse a prioridade de objetivo da aula. Afirma-se que a inclusão digital dos alunos de EJA é fator positivo para a inclusão social (ROLIM, 2015).

Questionei a professora o sentido “real” para propor a aula no laboratório de informática, se seria explorar uma nova possibilidade de ensino. A resposta foi que eles precisavam vivenciar, para daí entender que há outras formas de ensino da escrita, não somente a escrita cursiva, mas a escrita na tela do computador

Na primeira aula presenciei uma senhora, já aposentada, declarar seu objetivo de no dia seguinte procurar um curso que a capacitasse e a ajudasse a avançar na utilização da tecnologia. Esse tipo de resposta do que foi iniciado com esses alunos é o melhor meio de continuação desse tipo de trabalho, o resultado alcançado inicialmente vai além do objetivo inicial, pois motivar o indivíduo a buscar novas formas de utilização do uso do computador, não restringe apenas a escola a realizá-lo, neste caso a aluna tem condições de buscar outras apropriações, como cursos oferecidos próximo a residência dela.

Depois dessa primeira aula no laboratório de informática e de outras duas oportunidades, entendi ou vislumbrei que tinha uma boa problematização “como a tecnologia é utilizada no âmbito escolar no ensino de jovens e adultos, e como que essa iniciação é realizada pelos professores da escola onde realizei meu estágio, mesmo que em seus espaços restritos e livres, ou seja, no laboratório com seus professores e estagiários de forma restrita, realizando apenas o que é indicado pela tarefa, ou livres com os computadores do refeitório.

A partir deste estágio, levantei questões relevantes para investigar e, assim, delineei um projeto de trabalho para elaboração de minha monografia, objetivando debater sobre a utilização de tecnologias na EJA.

Neste intuito, fui até a escola e expus minha proposta de estudo e qual a minha perspectiva e interesse, abordagem e questionamentos iniciais. Para minha surpresa e satisfação a escola aceitou o que foi proposto. Houve solicitação de que tivessem acesso ao questionário e de que o mesmo fosse aplicado também no turno da manhã, com todas as turmas, pois entenderam ser importante numa perspectiva quantitativa ouvir seus alunos e quais os seus anseios quanto a presença de tecnologias no processo de ensino-aprendizagem que a escola propõe.

Com o objetivo de aumentar a perspectiva do que presenciei no estágio, resolvi então buscar a escola para apoio em realizar um questionamento mais preciso, uma pesquisa de campo, na qual os alunos e os professores teriam a oportunidade de falar, comentar quanto às questões tecnológicas que são novas no cotidiano da escola, já que as TIC e suas abordagens não são prioridade para os professores, e com isso não há uma continuidade para os alunos, pois as aulas no laboratório de informática são esporádicas. Seria importante além de rememorar essas aulas em que estagiei, saber através de algumas perguntas, objetivar o que é vivido por eles atualmente.

Quando a internet alastrou-se no mundo como um ambiente de comunicação confiável, ponto a ponto, bilateral e acessível até mesmo para indivíduos, a partir das suas residências, estabeleceu-se um ambiente global muito mais favorável às

organizações em rede do que para as organizações verticais de comando, implicando, claro está, que, para a sua viabilização, precisamos considerar a democratização do acesso a Internet como peça-chave para que a população possa ter a possibilidade de organizar-se de modo horizontal. Nesse sentido, são de fundamental importância políticas públicas que garantam esse acesso, entendendo-o como urgente, o que implica pensarmos em soluções coletivas e públicas, e não apenas no acesso individualizado nas residências (PRETTO e PINTO, 2006, p.20).

Nesse sentido, Pretto e Pinto nos ajudam a refletir que as políticas públicas devem ser estruturadas e configuradas para atender de formas coletivas e públicas este acesso as redes, visando à abrangência de pessoas que ao ter o acesso à educação se enquadrem nessa inclusão, principalmente quando falamos da educação de jovens e adultos, em que os indivíduos são quase em sua totalidade vulneráveis a essas novas adoções de abordagens.

Mensurar o quanto é produtivo e o quanto é esperado pelo aluno, essa aproximação que a escola introduz (ou poderia introduzir) no cotidiano do aluno para uma utilização positiva é um dos meus objetivos de pesquisa.

Os autores defendem ainda a criatividade como um dos pilares do ensino e que a utilização das TIC aumenta essa criatividade, visto que para muitos o primeiro contato acontecerá na escola, aos poucos que disseram ter computador em casa, não sabiam utilizar, e não tinham de seus parentes, amigos e filhos esse pronto atendimento, essa ajuda, ponto de reclamação de diversos alunos abordados na pesquisa.

A ampliação do acesso às classes C, D e E é atribuída muitas vezes à implantação de telecentros e infocentros, além da conexão de escolas públicas à rede. Nesse Caso, os números indicam 35% das escolas do ensino médio e 6,7% do ensino fundamental já conectadas. Parece um quadro animador se não estivéssemos falando em médias, porque, no fundo ainda vemos uma forte tendência à exclusão – agora, à exclusão digital -, que reforça, mais uma vez, uma situação de privilégios. No ensino fundamental, dos 35 milhões de alunos, somente seis milhões teriam em tese, acesso a Internet. No ensino médio, dos 8,1 milhões de alunos, cerca de três milhões estão em escolas conectadas (Folha de S.Paulo, 2001), sabedores que somos de que, ao falarmos em escola conectada, podemos estar a nos referir a um computador que partilha a linha telefônica de uso administrativo da escola (PRETTO e PINTO, 2006, p.21).

Na citação, os autores apontam o aumento do uso de tecnologias nas escolas em geral, embora ainda persista quadros de exclusão para parcela significativa da população pertencentes as classes mais baixas. Como é de se esperar, para as classes A e B não há restrição de acesso, seja nas escolas, seja fora delas.

A democratização do processo de escolarização, programas de informatização das escolas e de formação e capacitação de professores com o uso de TIC, bem como a ampliação de redes de comunicação vem possibilitando acesso às TIC à professores e estudantes de todos

os níveis de ensino, muito embora esse acesso não garanta usos que confirmem autonomia à professores e a estudantes de forma a explorar, produzir, criar novos caminhos no processo de ensino-aprendizagem

Portanto, pelo que foi até aqui exposto, fica evidente que a articulação entre essas duas esferas (Educação de Jovens e Adultos e Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) deva ser fomentada pelas iniciativas públicas e privadas para a inclusão social. Se, por um lado, o letramento digital e o contato com as NTIC promovem o auto estudo e a formação individual, por outro lado, também auxiliam na formação de mão de obra qualificada e qualificável, alardemente, tão desejada pelo mercado de trabalho. A vantagem dupla que representa a intersecção entre EJA e NTIC é um convite ao sucesso, tanto para aqueles que investem na modalidade quanto para aqueles que nela se engajam, como professores e alunos. (ROLIM,2015, p.150)

Retomando o objetivo central da minha monografia, qual seja, o de analisar como a tecnologia está inserida em propostas educacionais e de que forma pode contribuir para a qualidade do ensino, conferir inclusão dos sujeitos, não somente pela via da inserção e ou da mera utilização, do preenchimento do tempo e, sim, como inovação de métodos de ensino e aprendizagem que atendam demandas plurais em contextos socio-economicos-culturais específicos, na qual a apropriação das TIC por parte de professores e estudantes se constitua em sucesso na abordagem e construção de um cotidiano na utilização dessas formas de adaptação ao meio.

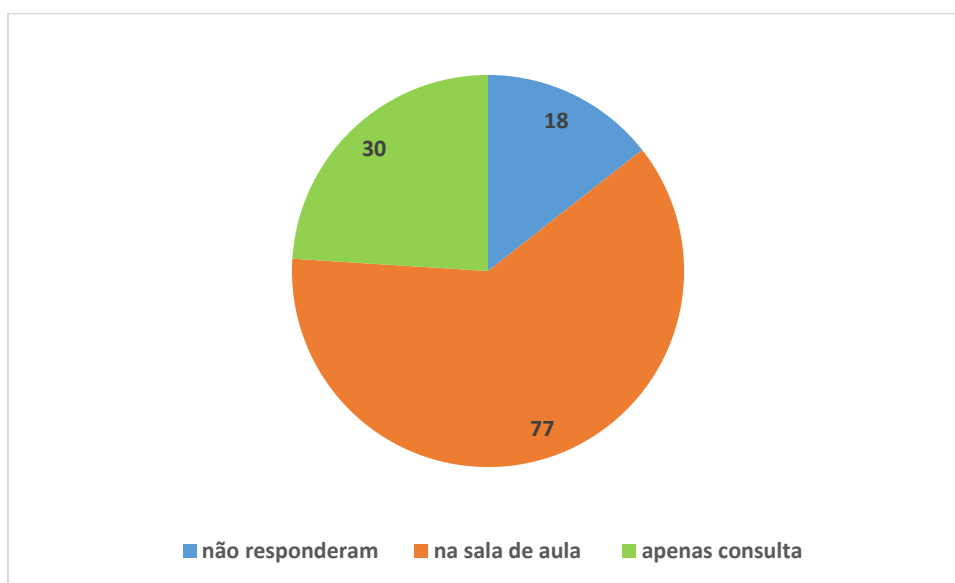
Para o alcance do objetivo acima delineado, o trabalho de campo demandou a elaboração de questionários como instrumentos de pesquisa, aplicados aos estudantes e aos professores. Esse instrumento de pesquisa foi respondido por 125 estudantes, cuja questão problematizadora central foi sobre a utilização das TIC por parte dos professores do Ensino Fundamental junto a eles, conforme segue:

- 1) Qual a disponibilidade que a escola tem dos computadores?
- 2) A escola disponibiliza somente na hora da aula?
- 3) Você utiliza com frequência?
- 4) Qual tempo de utilização?
- 5) Se a escola oferecesse mais equipamentos (computadores) você usaria?
- 6) Para que utiliza o computador do refeitório?
- 7) Sente falta de orientação no momento em que vai utilizar?
- 8) Sentem a necessidade de um apoio para manuseio?
- 9) Existe colaboração entre as outras pessoas que utilizam?
- 10) Qual o seu módulo de ensino?
- 11) Tem computador em casa?

12) Quem utiliza o computador?

Para um melhor entendimento e leitura do que foi questionado aos alunos apresento a seguir gráficos que explicitam melhor as respostas das perguntas objetivas que foram feitas aos alunos da escola pesquisada.

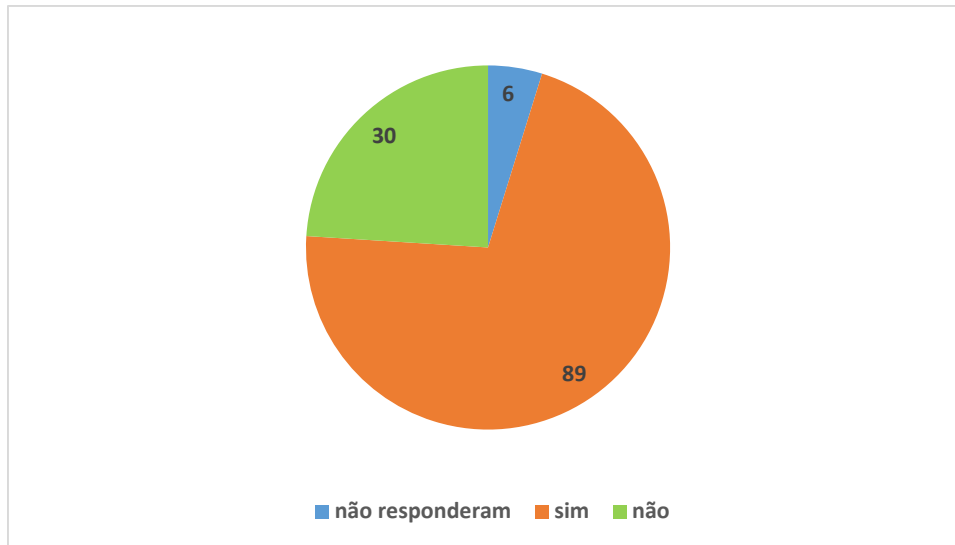
Gráfico 1: Qual a disponibilidade que a escola tem dos computadores?



Como podemos verificar, 77 alunos dos 125 pesquisados informam que há computadores a disposição apenas na sala de aula. Sendo assim, o acesso se dá apenas nas aulas, pois o laboratório tem sua utilização voltada para aulas com recursos dos computadores, com o uso do Word. Este dado nos mostra também que para a minoria dos alunos pesquisados não vislumbram o computador do refeitório como algo disponível pela escola.

Para Brito, 2012 a dificuldade dessa apropriação dos alunos se dá diante da trajetória que este indivíduo possa ter tido, onde as oportunidades eram precárias, e muitos colocavam as prioridades da vida, como trabalho e suas próprias necessidades a frente dos estudos.

Gráfico 2: A escola disponibiliza computadores somente na hora da aula

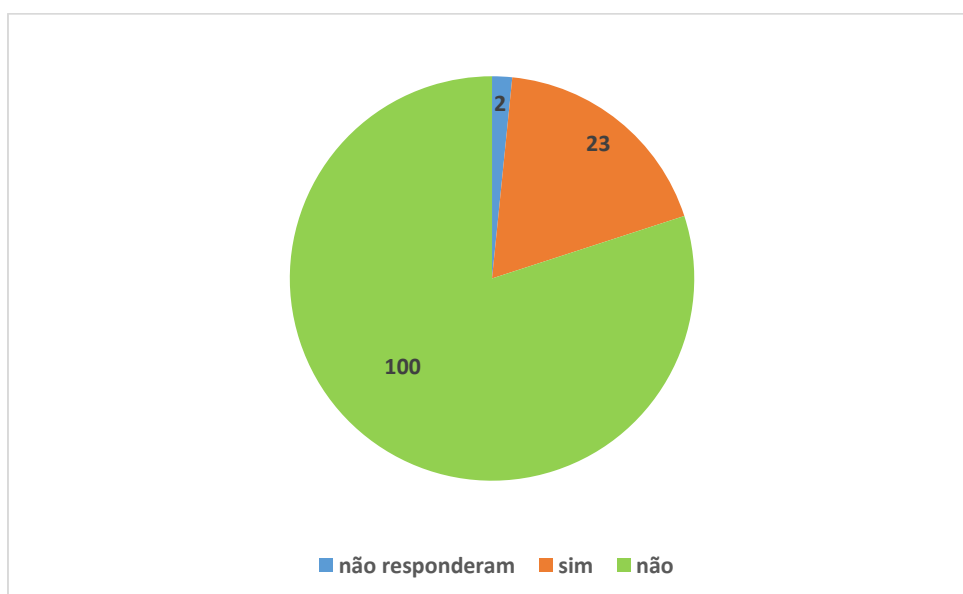


Mesmo com a livre utilização dos computadores do refeitório; para 89 dos alunos, o uso do computador ocorre apenas na hora da aula, 30 alunos entendem que há a disponibilidade também em outros momentos além da sala de aula e 6 não responderam.

No texto de Rolim (2015), o autor discute que em um mundo cada vez mais conectado, o contato com a tecnologia acontece de forma diferente nas diversas faixas etárias e nos diferentes núcleos culturais e sociais.

A escola como um campo permeado dessas possibilidades, para alguns alunos é o momento de interação com este meio tecnológico.

Gráfico 3: Você utiliza com frequência as TIC?

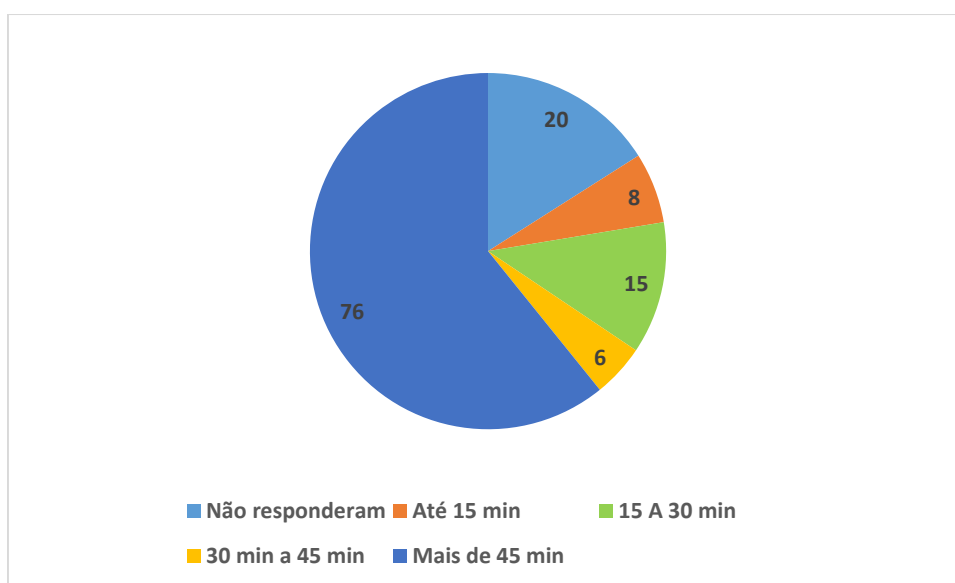


Os dados demonstram que 80% dos alunos pesquisados não utilizam com frequência as tecnologias, 2 alunos não responderam e 23 informaram que as utilizam com frequência. Nesta

questão não dei maiores exemplos de tecnologias, e na aplicação, também não houve o questionamento.

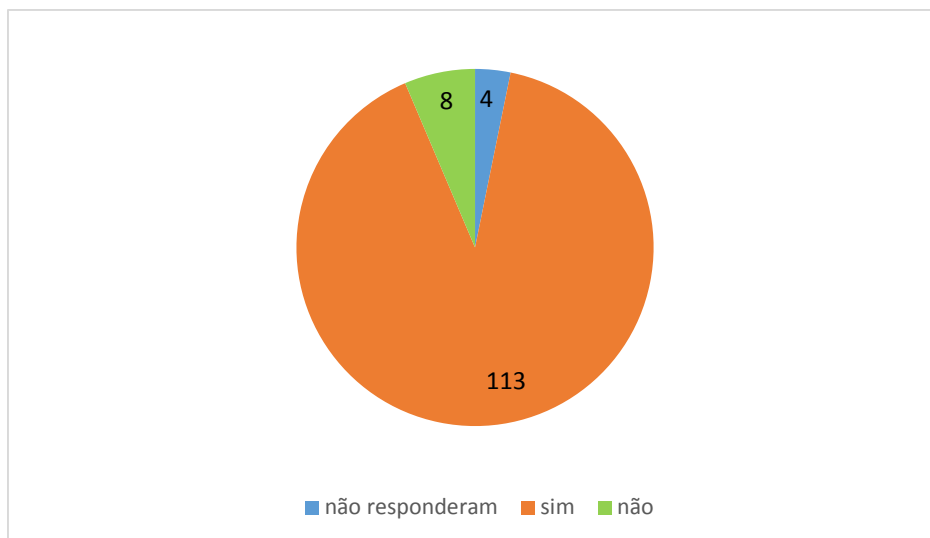
Para Rolim (2015) não é preciso muito esforço para entender alguns dos motivos pelos quais essa realidade se verifica. Mesmo se considerarmos apenas as questões econômicas que envolvem a aquisição e a manutenção dos dispositivos digitais, já seria possível começar a compreender alguns dos mecanismos que motivam esse espaço vazio entre a tecnologia e as pessoas.

Gráfico 4:Qual tempo de utilização das tecnologias?



O tempo de utilização pode ser determinante em alguns casos, principalmente se o indivíduo souber manusear o equipamento, porém, não é esta verificação que quero propor, e sim o tempo que eles se dispõem ao uso. Dos 125 alunos pesquisados, 76 ficam mais de 45 minutos, 20 não responderam, 15 usam de 15 a 30 minutos, 8 até 15 minutos e 6 deles de 30 a 45 minutos. Esses dados podem nos levar a várias hipóteses, desde a falta de paciência na utilização, até a falta de experiência nessa utilização.

Gráfico 5: Se a escola oferecesse mais equipamentos (computadores) você usaria?

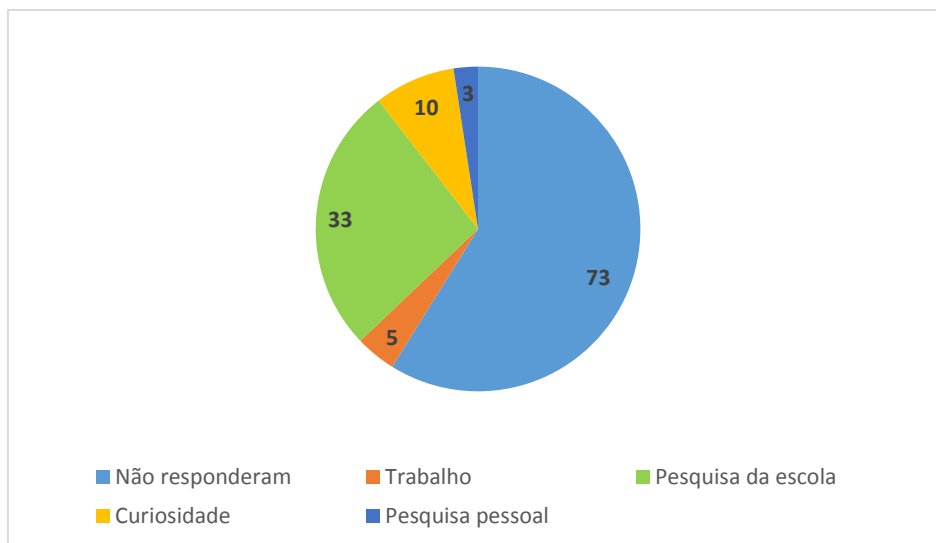


O quinto gráfico reflete sobre a oferta de computadores, onde obtivemos 90% dos alunos afirmando que utilizariam mais os computadores se eles fossem ofertados em maior número, 6% informaram que não e 3% não responderam. Essa questão foi elaborada, pois, para livre acesso aos alunos existem dois computadores obsoletos no refeitório da escola, o que não torna atrativa a utilização. Seria importante a elaboração de um plano de utilização dos mesmos.

Para Pierro (2010) atualmente o ideário mais aceito sobre a formação para o trabalho de crianças e adolescente valoriza a base comum de educação geral e, no seu interior, a formação científica e tecnológica, remetendo a qualificação profissional e a capacitação técnica para o posto de trabalho para uma etapa posterior à educação básica (no caso brasileiro, no ensino pós-médio ou superior).

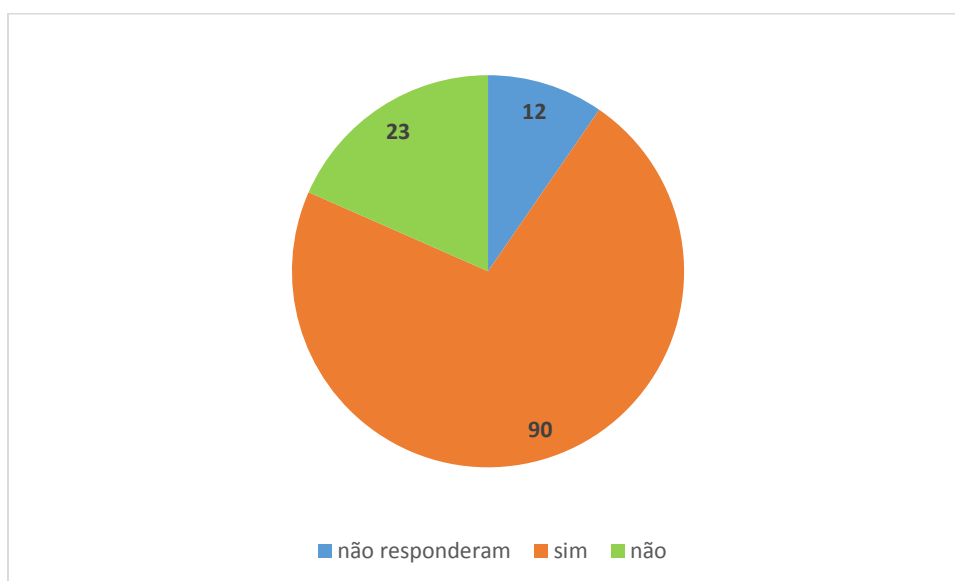
No caso da educação de jovens e adultos este ideário está bem distante do que temos na realidade.

Gráfico 6: Para o que utiliza o computador do refeitório?



A questão apresentada demonstra que a utilização do computador do refeitório atualmente é indiferente, 73 alunos, ou seja, 58% do total dos 125 dos pesquisados não responderam à pergunta, demonstra que para boa parte dos alunos não tem representatividade para eles os equipamentos. Em segundo lugar são respostas relativas à pesquisa escolar com 33 alunos que assinalaram esta opção, sendo possível observar que há um público para utilização, pois em um cenário hipotético, se pelo menos a metade desses 33 alunos quiserem usar no mesmo momento, não haverá possibilidade dessas pesquisas serem realizadas.

Gráfico 7: Sente falta de orientação no momento em que utiliza tecnologias (computador)?

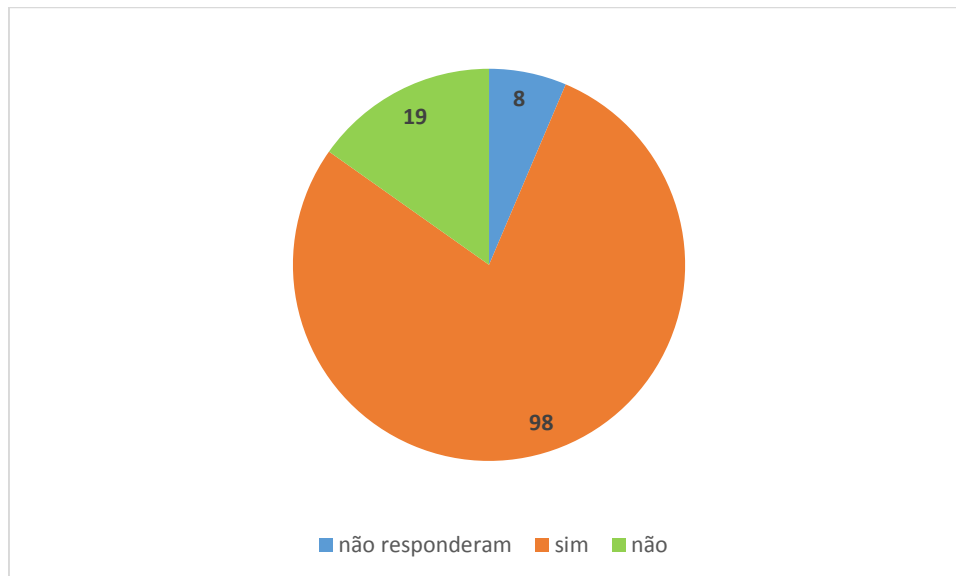


Mesmo sabendo que não há um auxílio no momento da utilização dos computadores questionei os entrevistados na tentativa de levantar sua visão/ entendimento/percepção e, constatei que para os 90 alunos, 72% do total sentem falta de orientação para utilizar as TIC,

desses 125 alunos, 12 não responderam e 23 dizem não precisar dessa orientação. Assim, remetemos ao que Demerval Saviani nos diz em análise sobre o tema:

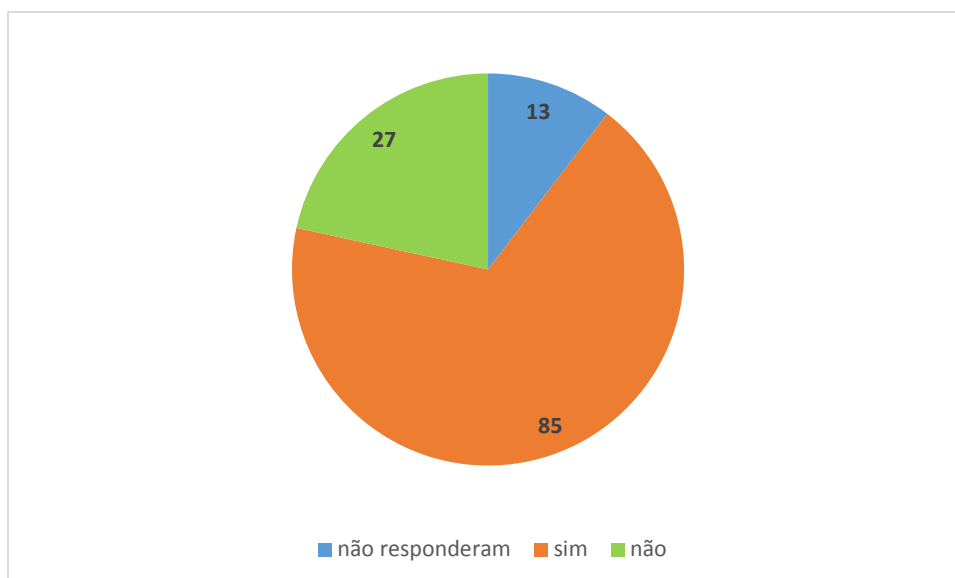
Foi com base nessas coordenadas e tendo presente a perspectiva indicada que se procurou introduzir no texto da nova L.D.B. o dispositivo relativo ao sistema nacional de educação. Tal ideia vem enfrentando, porém, resistências acirradas, oriundas dos setores conservadores vinculados ao atual governo federal que ironicamente se apresentam como os paladinos da modernidade. Este parece ser, no entanto, o grande desafio interposto à educação pela introdução de novas tecnologias em empresas brasileiras. Com efeito, como vem sendo reconhecido cada vez mais amplamente, sem um sistema educacional consolidado sobre a base de uma escola elementar comum universalizada, não será possível modernizar o parque produtivo nacional. Se esse desafio permanecer sem resposta, as metas proclamadas de modernização tecnológica, incremento da produtividade e ingresso no Primeiro Mundo não passarão de promessas blandiciosas. (SAVIANI,2014, p.14)

Gráfico 8: Sentem a necessidade de um apoio para manuseio (de computadores)?



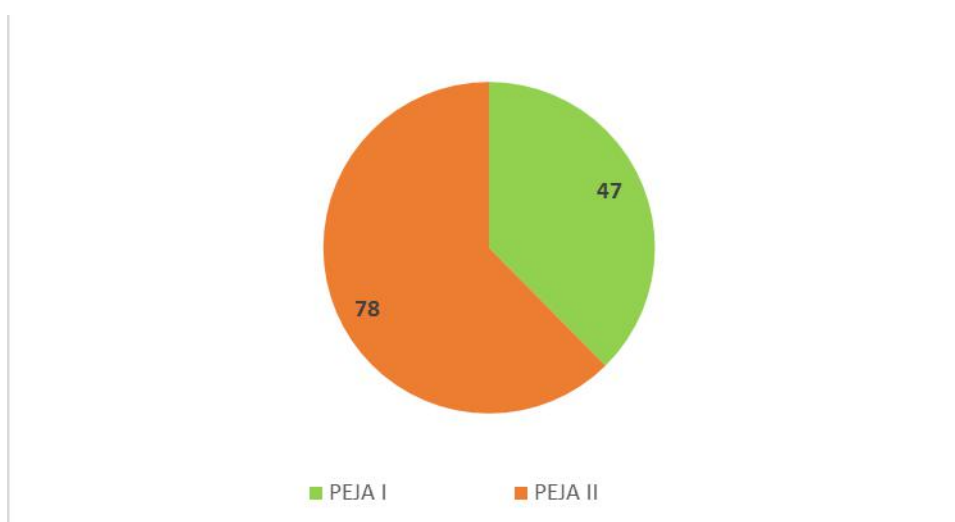
Com esta questão, destaquei a diferença entre orientação e manuseio. Expliquei que manusear, se tratava em ligar o aparelho, conectar aos demais equipamentos necessários, e para 98 alunos sentem a necessidade, 19 responderam que não e 8 não responderam a esta questão.

Gráfico 9: Existe colaboração entre as outras pessoas que utilizam (os computadores)?



O objetivo dessa questão foi o de explicitar que os próprios alunos quando sabem utilizar o aparato tecnológico, auxiliam aos demais. As respostas apontam que 85 alunos afirmam haver colaboração entre eles nesse manuseio, enquanto 27 informam não haver colaboração, e 13 alunos não responderam à pesquisa. A cooperação entre os alunos pode trazer benefícios aos demais, fato interessante é que se eles se auxiliam na sala de aula entre um aprendizado e outro, em um momento de tensão que muitos passam quando estão usando o computador ser auxiliado pelo aluno ao lado pode motivar a quem está precisando da ajuda.

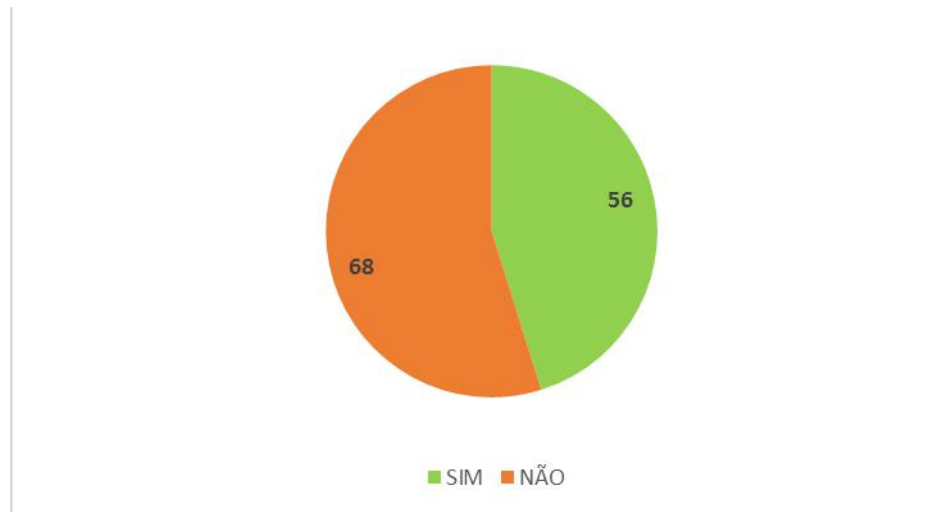
Gráfico 10: Qual seu módulo de ensino?



O questionamento foi realizado para identificar a quantidade de alunos de cada módulo. Responderam que são do PEJA I 47 alunos e 78 alunos do PEJA II, divididos entre os turnos da manhã e da noite. A maior parte de alunos sendo do PEJA II, já passaram da fase de

alfabetização, o que se certa forma poderia contribuir para o avanço na utilização das TIC, no desenvolvimento com as ferramentas virtuais.

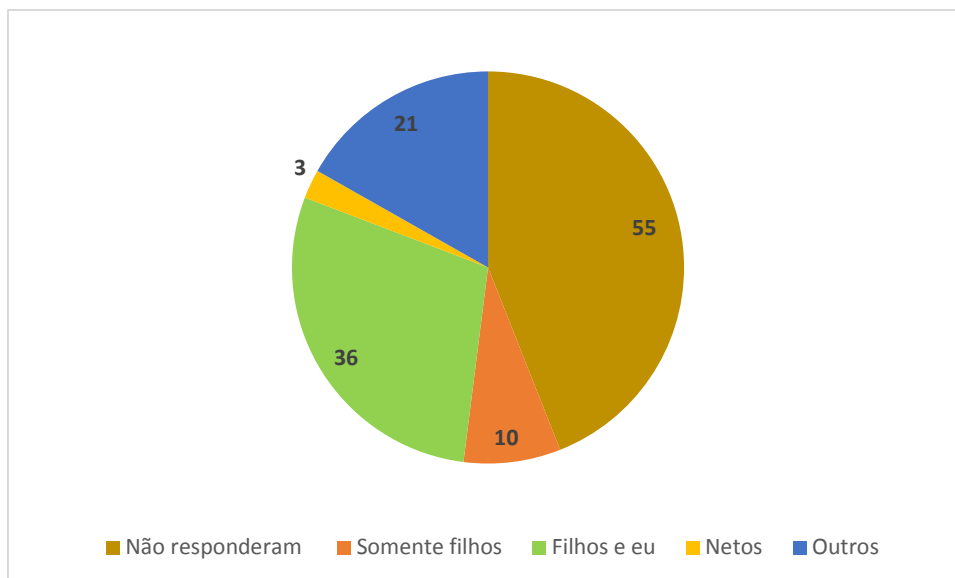
Gráfico 11: Tem computador em casa?



A defesa de autores de que vivemos uma transformação no campo das comunicações não parece ser condição suficiente para acesso as TIC, mesmo com o barateamento das tecnologias digitais e pela ampliação do acesso aos dispositivos tecnológicos.

Pelas respostas obtidas temos que mais de 50% dos estudantes pesquisados não possuem computador em casa, em alguns casos fui questionada se computador quebrado contava como ter um, neste caso a pergunta era se eles possuíam o computador. Para a menor parte, 56 alunos, informaram ter o equipamento, o que não nos garante sua utilização, destaque para o próximo momento da pesquisa.

Gráfico 12: Quem utiliza o computador?



Nem sempre ter o equipamento, quer dizer que o mesmo o utilize, ele pode ter pra suprir as necessidades de outras pessoas de seu convívio, ou até mesmo para quem sabe um dia fazer um curso e já ter o computador em casa para treino, é possível várias hipóteses nesse sentido. Com esta questão quis demonstrar exatamente isso, 55 alunos não responderam a questão, 36 informaram que a utilização é feita pelos filhos e eles mesmos, para 10 alunos apenas os filhos, 21 responderam outras opções que não foram destacadas na pesquisa.

Entendo que para o desenvolvimento de um processo educativo capaz de avançar com mudanças significativas pode-se ter um alto custo, mas devemos pensar numa escola capaz de ampliar experiências e possibilidades com relação a realidade na qual estão inseridos, afim de um sentimento de pertencimento, cumprindo um papel social, vivenciando as com o mundo suas mudanças, com atitudes e pensamentos não somente como algo reprodutivo.

A importância de levantarmos estes dados da escola, onde antes havia apenas um breve panorama, podemos adentrar no que os alunos esperam dessas tecnologias abordadas desde o início do trabalho da monografia. É ter com base nas perguntas um breve “raio-x” desses sujeitos que são incorporados nessa educação, e precisam de mais uma adaptação para vivenciar as rotinas das programações das aulas que são feitas no laboratório. Percebi uma ansiedade no momento da aplicação da pesquisa, onde eles também possuem muitas necessidades e acreditam que a escola poderá supri-las, e contam com esse avanço. A escola já possui projetos para este âmbito tecnológico voltado aos alunos, mas não há uma data breve para esta para realização, precisam de embasamento para que a SME autorize o início.

Aos docentes de forma mais qualitativa, optei pelas perguntas sem respostas objetivas, qualitativas.

Desde 2007 havia uma discussão da formação acadêmica do corpo docente para a apropriação de novas formas de implementações das tecnologias a esses jovens e adultos.

Na pesquisa realizada com os professores da rede municipal de ensino que atuam na Educação de Jovens e Adultos da escola referenciada, obtive a narrativa de oito profissionais que atuam neste segmento com experiência em sala de aula que vão de 9 meses a 20 anos de trabalho sistemático para formação de seus educandos, tendo uma média de 13 anos de ensino. Abordei perguntas que envolvem essa prática aliada ao ensino através da tecnologia disponibilizada para atuação deles nessa escola. A primeira questão delineia um norte do que os sujeitos educadores atribuem para o uso destes equipamentos. Por uma indicação inicial, os professores não foram identificados, enumerados de um (01) a sete(07), havendo assim mais liberdade na resposta que eles pudessem fornecer.

“Para que são usadas as TIC?”

- 1) Para o desenvolvimento das atividades pedagógicas
- 2) Para pesquisar e para desenvolver atividades que preparamos no laboratório de informática;
- 3) Os equipamentos do laboratório são utilizados para aprendizagem;
- 4) Para fazer apresentações de trabalhos pesquisas nas mídias sociais e trocar mensagens entre alunos e professores
- 5) Entendendo equipamentos como processo Pedagógico, que são facilitadores do processo de ensino aprendizagem, teus instrumentos motivam e fazem com que as aulas...(não terminou a narrativa)
- 6) Para auxiliar na leitura e escrita. E pra que eles possam ver que o computador os auxilia, é uma grande ferramenta de trabalho
- 7) Uso diariamente como ferramenta de apoio pedagógico para a criação de novas situações de aprendizagem e construção do conhecimento. O controle do processo é do aluno e muda- se o foco do ensino do instrucionismo para o construcionismo.

As respostas apontam que os professores sabem a importância das novas TIC, essas falas complementam as análises do MEC na Coleção Educação para Todos (BRASIL,2007). Essa análise foi realizada na coleção publicada do primeiro e do segundo segmento do ensino de EJA, e apenas para o segundo segmento, na disciplina de Ciências há menções de uso da tecnologia numa abordagem de ensino dedicado aos alunos. Para as demais disciplinas, tais como Matemática, Geografia, Língua Portuguesa, Artes e Educação Física não há uso/proposta,

disponibilização de tecnologias como aparato de ensino e aprendizagem. Sabemos que essas disciplinas podem ser beneficiadas com a presença de tecnologias num avanço temporal de adequação para esses alunos, e esta adequação está presente no interesse dos educandos, na motivação que esse profissional também recebe da sua rede de ensino, e o que pode ser solicitado para eles.

Defendemos a ideia de que TIC devam ser incorporadas aos processos pedagógicos levados às salas de aula no sentido de incrementar o trabalho de professores e estudantes, abrindo-se para novas formas de ensino-aprendizagem, na medida em que apropriadas pelos sujeitos usuários, para que contextualizem seu trabalho criteriosamente, a partir de possibilidades reais e do interesse de cada turma.

Nessa perspectiva, discutir a relação das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação de Jovens e Adultos (EJA) significa ultrapassar a concepção de uma educação voltada para jovens fracassados, sem sucesso e sem perspectivas. É indicar para a formação de um cidadão crítico e participante do seu tempo em busca de seus ideais e sonhos.

Não podemos deixar de destacar a importância das tecnologias nos diferentes campos do saber, com impacto significativo no campo da educação. As tecnologias em si não podem ser consideradas nem boas e nem más, nem instituidoras de novos paradigmas, responsáveis por mudanças significativas positivas, quer na vida pessoal quer no mundo do trabalho. É preciso refletir sobre seu potencial, usos, acessos para dimensioná-las em todos os campos do conhecimento nos dias de atuais.

Assim, são consideradas imprescindíveis não somente no campo educacional, mas na vida em geral: presente em bancos, lojas de conveniência, e até mesmo em um simples *smartphone* que, além de um comunicador de voz possibilita usos plurais, facilitando a vida de quem pode utilizá-las, de quem sabe manusear, tanto de forma intuitiva quanto de forma mais técnica. Não devemos porém ter a ilusão que a simples incorporação de tecnologias produzirá efeitos favoráveis. É preciso que ela atenda às finalidades educativas, a partir dos sujeitos usuários, a fim de que contribua para transformações de práticas escolares.

Mesmo imprescindíveis, entendemos que a utilização das novas tecnologias na escola provém de um discurso contemporizado, ou seja envolve a comunicação dentro de um determinado contexto tolerante, aceitável, onde existe a tentativa de estabelecer um acordo através destas ferramentas e as formas cotidianas de ensino, seja na educação fundamental ou na EJA, como se o acesso ao conhecimento fosse ofertado a todos que nela estiverem inseridas, atribuindo formas de pensamento, em nossos dias, estruturados a partir dos diferentes meios de comunicação.

Pensar a educação na sociedade da informação exige considerar um leque de aspectos relativos às tecnologias de informação e comunicação, a começar pelo papel que elas desempenham no cotidiano das pessoas que as utilizam, desde o celular ao computador.

A segunda questão abordada no questionário realizado para os professores da escola pesquisada foi:

“Qual a orientação que é passada para os alunos quando utilizamos computadores?”

- 1) Com o professor regente os comandos são orientados. No refeitório não sei informar.
- 2) Todas as orientações desde quando se sentam no computador, de como ligar, colocar senha, qual a proposta, utilização do Word
- 3) Nenhuma
- 4) Os alunos devem estar acompanhados e orientados pelos professores.
- 5) Que é um equipamento muito útil no seu desenvolvimento e autonomia da sua cidadania, instrumento de trabalho e conquista no seu letramento social.
- 6) Depende do trabalho que se quer fazer. Se for para usar o Google, é uma orientação. Se for pra utilizar o Word é outra.
- 7) O conjunto de regras de uso da sala de informática é discutido e acordado com os alunos

Na relação que há na escola pesquisada com o ensino prestado, a abordagem de novas tecnologias na vida de um aluno, faz sentido quando um professor se apropria das ideias contidas nessa utilização com significado, quando, por exemplo, a aula é ministrada no laboratório, não sendo um mero preenchimento de tempo, sem conteúdo, vemos em Barreto (2013, p. 07) onde enfatiza esses novos meios:

É importante enfatizar que não se trata apenas de novos meios, suportes ou formatos. E, como as tecnologias não resultam necessariamente de escolha feita pelas instituições de ensino, sua presença pode não remeter a mudanças significativas do ponto de vista pedagógico. Às vezes, a presença de um artefato como um computador significa apenas a necessidade de espaço privilegiado para abrigá-lo. Outras, sua presença é inteiramente direcionada para as atividades-meio, como o registro dos alunos e das suas notas/conceitos. Outras, ainda, para a realização de tarefas repetitivas e mecânicas, em que a novidade se resume à utilização daquele suporte (BARRETO, 2013, p. 07).

Ao questionar o corpo docente sobre a frequência e o “aproveitamento”, tivemos as seguintes respostas:

“Qual a frequência e o aproveitamento das aulas em que há a utilização dos equipamentos?”

01. Em média 2 vezes por semestre, sempre de forma contextualizada nos projetos que são desenvolvidos na disciplina. O aproveitamento é sempre bom.
02. O Aproveitamento é excelente. Os alunos gostam, mas é necessário de apoio dos estagiários para auxiliar os alunos
03. No meu caso a frequência é muito baixa, mas quando utilizado, não observo muita alteração no aproveitamento das aulas.
04. Diariamente, no mínimo 3 vezes por semana
05. (o aproveitamento é) Sempre 100%, visto que os equipamentos pedagógicos são mobilizadores e estimuladores da atenção, interesse, fazendo as práticas do cotidiano para o espaço escolar, no rádio, músicas clássicas entretém e transcendem espaços. O computador, o Datashow, as calculadoras – fazem com que haja maior participação e interesse em sala de aula porque são instrumentos necessários ao letramento social.
06. Normalmente não aviso, mas quando eles sabem que tem aula ou teve aula na sala de informática com o uso de computadores com certeza ficam mais empolgados e avisando a frequência certamente aumenta
07. A frequência é satisfatória. É importante destacar que não basta inserir os recursos tecnológicos no dia a dia da sala de aula sem critérios. A maneira como esta inserção é feita influencia diretamente no bom aproveitamento de professor e aluno.

Podemos então afirmar que para os professores o aproveitamentos de aulas onde estão previstas estratégias pedagógicas que privilegiam a utilização desses equipamentos é sempre proveitoso, tanto pelos alunos, quanto para os próprios professores que ficam motivados ao realizar algo que traga sentido e boas práticas aos seus alunos.

As salas de aula poderiam contar com tecnologias que vão além do quadro de giz, e mais, com políticas educacionais que garantissem a presença de TV, vídeo, computador, projetor de imagem e etc, aproximando as práticas escolares das demais práticas sociais dos seus alunos, além de ampliar o acesso, na medida em que a escola pode ser a única possibilidade de ingresso/de iniciação desse alunado a estas tecnologias.

Ainda na discussão que Barreto (2013) propõe, temos a seguinte observação da referenciada:

Do ponto de vista dos materiais, é importante que a sua dimensão informativa não exclua a possibilidade da relação prazerosa, do estímulo à curiosidade e da experiência de conviver com a ausência de respostas, prontas e acabadas, para as perguntas suscitadas. Também é importante que os materiais extrapolem os textos escritos, não

em nome da atratividade, como um fim em si mesma, mas pela importância do trabalho contextos tecidos pela articulação de múltiplas linguagens. Materiais que favoreçam diferentes leituras, centradas na polissemia, atentas aos diversos sentidos negociados pelos alunos, todos e cada um. Leituras que levem em conta as vozes que ecoam nos textos: a polifonia como possibilidade de compreensão dos lugares do dizer. Como, por exemplo, as “mesmas” notícia sem diferentes (tele)jornais. Materiais interativos, no sentido de não circunscritos a situações previsíveis, capazes de sustentar novos modos de interação humana na sala de aula (BARRETO, 2013, p.09)

Entre a fundamentação teórica e a pesquisa realizada junto aos professores, tivemos as seguintes respostas quanto ao resultado obtido primariamente das aulas, na percepção do professor:

Qual sua percepção sobre os alunos após a utilização das aulas com os equipamentos tecnológicos?

01. Os alunos gostam de utilizar e valorizar o uso dos equipamentos tecnológicos.
02. De maneira geral os alunos apreciam muito as aulas em que são usados esses equipamentos. Solicitam inclusive em suas avaliações trimestrais aulas de informática.
03. Os alunos experimentam a inversão da relação de poder do conhecimento que consideram ser propriedades dos professores, a utilização das TICs no ambiente escolar contribui para essa mudança de paradigma.
04. Eles ficam mais empolgados e querem sempre mais. Porém o tempo de aula é curto e, infelizmente, dificulta que utilizamos mais vezes.
05. Empoderamento, autoconfiança, sentimento de “pertença” – é uma conquista não sentir “analfabetismo digital”. É um direito receber formação tecnológica em espaço educacional. É um dever desses espaços criar estratégias que estreitem e diminuam essa demanda.
06. Ficam mais empolgados melhora interação do grupo e ficam estimulados para aquisição ou utilização dos equipamentos fora do espaço escolar. Preciso também uma maior autonomia no uso de algumas ferramentas por aqueles que ainda fazem um uso restrito as redes sociais.
07. Se sentem realizados evoluindo e mais preparados para o mercado de trabalho e inseridos nesta sociedade tecnologia.

Na fala dos professores, percebemos o entusiasmo que estes alunos apresentam após as aulas. Eles falam não somente das disciplinas que são bem aproveitadas por eles, mas também do cunho social que essa metodologia tem de representatividade e pertencimento. Entende-se que

o indivíduo se apropria da tecnologia que lhe é ofertada, trazendo mais motivação para usá-la no seu dia a dia e nos momentos de escolarização/de ensino-aprendizagem.

Quanto aos professores, na medida em que a escola venha a oferecer aparatos tecnológicos suficientes para que todo o corpo docente e discente possa usufruir para seu trabalho dentro e fora de sala de aula: em pesquisas, estudos, inserção social...espera-se que haja expansão de proposições que contribuam de forma significativa para que seus alunos se apropriem de novos caminhos para construção de conhecimento e que deixem de ser analfabetos digitais para que não reproduzam a lógica da exclusão em uma sociedade que se apresenta compreensível através do domínio dos códigos dispostos na língua culta e, agora, numa linguagem digital.

Pelo que foi apresentado pelos professores, falta organização de como realizar de forma mais abrangente e inovadora processos de ensino-aprendizagem, com qualificação dos professores, que não podem prescindir da educação continuada bem como de apoio pedagógico para incorporação de novas formas de trabalho junto de seus alunos. Isso porque, os professores não “sabem tudo”, precisando contextualizar seu trabalho a partir de contextos sócio/econômico/culturais diversos e, para tanto sentem falta de apoio consistente, o que poderia ser amenizado com monitores em sala, ou até mesmo aos alunos que saibam/queiram utilizar as tecnologias disponíveis, neste caso, o que é oferecido também no refeitório da escola pesquisada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração desta monografia, o estudo dos teóricos referenciados no trabalho, que discutem sobre o(s) uso(s) e modos de acesso às TIC e outros que discutem sobre a EJA e dos documentos das políticas educacionais direcionadas à essa modalidade de ensino, ampliada pela pesquisa de campo, onde investigo sobre a presença/ausência das TIC para utilização de docentes e discentes em seus trabalhos escolares de campo constatei que há ainda um longo caminho a trilhar para que os estudantes sejam contemplados com aparatos tecnológicos que os auxiliem no seu processo de ensino-aprendizagem bem como promova a sua inclusão social num mundo em constantes transformações e, cada vez mais tecnologicado.

Segundo dados do portal do MEC³, “o Brasil ainda tem 13,1 milhões de analfabetos, com 15 anos de idade ou mais”, tendo ampliado as matrículas destinadas aos jovens e adultos, no ano de 2017 (dados preliminares) para “250 mil alfabetizando atendidos”.

A alfabetização é considerada pelo MEC uma política pública de educação prioritária, o que justifica os estudos no campo, mediante o quantitativo de jovens e adultos que tiveram seu processo de escolarização interrompido na idade certa.

Soma-se a isso as questões discutidas sobre o uso de tecnologias da informação e da comunicação na área educacional. Para tanto, é preciso entender que essas tecnologias produzidas para outros fins que não os educativos, precisam ser conhecidas de professores e alunos. É preciso que os sujeitos se apropriem do potencial destes aparatos em seu processo de ensino-aprendizagem, tanto as práticas pedagógicas elaboradas pelos professores, considerando-se as especificidades de suas turmas, quanto os estudantes no desenvolvimento de seus trabalhos de escolarização, ampliados no seu cotidiano fora da escola (MAGALHÃES, 2008).

Profissionais empenhados em fazer diferença na vida de cada um daqueles indivíduos, com particularidades pessoais, com formas distintas de desenvolvimento desses sujeitos. Em minha vivência com essas turmas e observações, pude perceber o quanto a educação é algo que além de formar o sujeito, também o ressignifica, atribuir um novo significado, dar um sentido diferente ele volta a tomar pra si seus sonhos perdidos de outros momentos da vida, com obstáculos ultrapassados, e em busca de seus ideais e propósitos.

³ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32737-eja>>. Acesso em: 5 out. 2017

Estudantes, antes mesmo de vivenciar seu processo de escolarização, há um professor que aprenderá previamente ou deveria apropriar-se e aprender a trabalhar com as TIC. A Secretaria Municipal do Rio de Janeiro está aprimorando e fazendo um meio tecnológico mais ainda voltado para as gestões, com plataformas digitais, e banco de dados interligados, mas os professores informam que não tiveram uma preparação ou um apoio para essa formação continuada, sabemos que o aprendizado no meio educacional docente não tem fim, sempre há algo novo para aprender ou aprimorar.

O objetivo central dessa monografia foi o de refletir sobre os modos de acesso às TIC no curso de EJA, e minha primeira consideração pelo tema é que mesmo com todo engajamento dos profissionais da área de ensino, e mesmo com poucos recursos, há a necessidade de uma identificação das políticas públicas dessa necessidade que as escolas hoje possuem nesse ensino e implementar efetivamente investimentos para que a utilização das TIC tenha um avanço para esses sujeitos que estão emersos no cotidiano com tantos meios tecnológicos que só tendem a avançar, o ganho não seria apenas do indivíduo, mas de toda a sociedade moderna que nela estão inseridos.

Assim, as novas tecnologias, a cada dia, se revestem de uma função quase indispensável como ferramentas de acesso à informação, interação social e profissional. Não importa se o seu uso ocorre na primeira fase da infância ou quando jovens ou adultos, pois quanto mais o tempo passa, cada vez mais se amadurem os conhecimentos (CASSEL, JUCIANI, 2012, p.5).

Mesmo a pesquisa sendo realizada em apenas uma escola, pude ler nos textos pesquisados que a realidade de falta de investimentos com os equipamentos e em cursos de formação continuada aos professores, não se difere do restante do país. Profissionais engajados em fazer o melhor aos seus alunos, porém, sem um curso de formação continuada para a área das TIC. A utilização de giz e quadro negro, neste caso mais *Pilot* e quadro branco, ainda é muito presente no dia a dia desses professores, como mais um indicio que a tecnologia tem que ser abrangente não só aos alunos, mas aos que podem ser sujeitos motivadores desses alunos. A qualidade não é apresentada somente com meios tecnológicos, mas haveria melhor adequação aos dias atuais. Essa é a minha segunda consideração, onde o olhar do ensino de jovens e adultos também tem que ser voltado a quem propicia o bem estar social aos indivíduos mais importantes da escola, os alunos. Então, respeitando os limites de cada um e ampliando os horizontes seja através do acesso a um bom livro como a um bom computador deve-se pensar numa escola de EJA que contemple essa nova e atual realidade.

Citando diretamente a escola em que fiz os estágios e a pesquisa para este trabalho, o corpo docente e suas coordenadoras estão engajados em construir com seus alunos novas práticas, mesmo que em baixa escala atualmente, mas com grande possibilidade de ascensão, o que fará com que eles tenham na prática o ensino que pretendiam como foi demonstrada nas perguntas que foram realizadas. Não estou falando de aulas de informática, mas a inserção de mais dias, mais motivação a eles a conhecer essas TIC e ao que ela trará de bom e de objetividade na vida deles. Entendo que a escola precisa de verbas voltada para este objetivo, ou seja, a compra de novos equipamentos e somente assim os planos venham a ser tornar realidade e o ensino seja apropriado aos seus usos. Isso se adéqua principalmente aos equipamentos do refeitório, que hoje estão degradados, desatualizados e sem manutenção, pois são equipamentos antigos, com computadores do início dos anos 2000, a internet é por rede com fio, mesmo a escola possuindo *Wifi*. Esta então é minha terceira consideração.

Ressalto que essa escola possui um laboratório com cerca de 15 computadores, o que, pelas respostas obtidas tanto por parte dos alunos quanto dos professores, não são suficientes para inclusão, trabalhos, mudanças significativas nas práticas pedagógica, persistindo o discurso de que, se presentes, se em maior número, se houvesse apoio o processo de escolarização seria melhor.

Creio que a intenção da escola é manter este alunado cada vez mais próximo, mas em alguns casos eles podem se calar, se afastar ou até mesmo desistir de tentar demonstrar ete compreensão do que eles precisam. Até mesmo para fazer algum tipo de proposta a escola para a melhoria dos equipamentos se distancia diante da ausência de percepção do quanto para eles é importante, este equipamento livre para o contato direto e sem mediação, como é nos dias atuais. No tempo que estive lá, observei apenas um aluno na secretaria buscando informações da ausência de sinal da internet no computador do refeitório, e a resposta é que já haviam aberto reclamação na área de informática da prefeitura e estavam aguardando a visita do técnico que realizaria o conserto, mas ainda não havia uma data certa para esta visita, e o computador continuaria lá, sem poder ser utilizado para fins de consultas virtuais.

Em BOVO,2002 realiza uma afirmação que hoje, vive-se num mundo dominado pela informação e por processos que ocorrem de maneira muito rápida e imperceptível. Portanto, em vez de memorizar informação, os estudantes devem ser ensinados a buscá-la e usá-la. Essas mudanças podem ser introduzidas com a presença o computador, que deve propiciar as condições aos estudantes exercitarem a capacidade de procurar e selecionar informação, resolver problemas e aprender independentemente.

Minhas percepções vão além desta afirmativa, o ganho de experiência das atividades tecnológicas desses alunos podem propiciar um avanço de vida desses indivíduos, com mais informação, lazer, redes sociais e mais aproximação com outras pessoas no convívio diário que já fazem o uso, não sendo apenas uma vantagem educacional, mas também social.

Portanto, a busca do meu objetivo foi mostrar que os alunos da EJA são alunos que precisam dessa interação com o meio tecnológico tanto como em outros ensinos, mas com uma grande diferença, eles são inseridos, mas não possuem total pertencimento do uso, por falta de motivação, oportunidade e até mesmo por acharem que eles não são capazes de utilizar e dominar a máquina. É preciso que os conteúdos sejam adaptados a estas novas metodologias de ensino e com isso atingir o maior número de possibilidade de abrangência, seja com pequenas pesquisas momentâneas voltadas aos temas abordados em aula, com o próprio celular do aluno, ou até mesmo a utilização das redes sociais com criação de grupos da turma, onde podem interagir e até mesmo trocar experiências, o intuito é que eles sejam os mesmos jovens e adultos, mas diferentes do que eram depois de entrar, frequentar e ser parte do ensino, e não apenas passar pela escola, mas deixar a escola passar por ele, com todos seus propósitos positivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Raquel Goulart. **A apropriação educacional das tecnologias da informação e da comunicação**, 2013.

BOVO, Vanilda Galvão - **O Uso Do Computador Na Educação de Jovens E Adultos**, 2002

BRASIL, **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. — Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. (Coleção educação para todos; 3). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/13529-colecao-educacao-para-todos> Acesso em: 04/05/2017

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei Nº 9394/1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 21/03/2017

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf> Acesso em: 09/04/2017

BRASILEIRO, Sheilla - **Juventude E Novas Tecnologias: Implicações Para A Educação De Jovens E Adultos**, 2002

BRITO, Bianca. **Novas tecnologias na educação de jovens e adultos: que usa a favor de quem e para quê?** 2012 Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_1275.pdf Acesso em: 09/04/2017

CASSEL, Deise et CORRÊA, Jucini - **O Uso Das Tics Na Educação De Jovens E Adultos**, 2012

CURTO, Viviane – **Trabalhando com o computador na EJA : uma análise dos relatos das práticas pedagógicas em meio digital com jovens e adultos**, 2009.

DELUIZ, Neise. **A globalização econômica e os desafios à formação profissional**. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p.15-21, maio/ago 1996.

DI PIERRO MARIA CLARA et JOIA, ORLANDO, et RIBEIRO, VERA MASAGÃO - **Visões Da Educação De Jovens E Adultos No Brasil**, 2001

DI PIERRO, Maria Clara. **Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos**. *Educ. Pesqui.* [online].

2001, vol.27, n.2, pp.321-337. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022001000200009> Acesso em: 20/09/2017

FAVERO, Osmar; BRENNER, Ana Karina. **Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA)**. GT 18, 29ª Reunião da ANPED, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT18-2088--Int.pdf>

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, Máquinas De Imagens E Práticas Pedagógicas**, 2006

FRIEDRICH, Marcia et Benite, Anna M. Canavarro. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867> acesso em 12/09/2017

KLEIMAN, Ângela B. **Abordagens da leitura**. Belo Horizonte: Scripta, 2004

MAGALHÃES, L. K. C. **Formação e trabalho docente: os sentidos atribuídos às tecnologias da informação e da comunicação**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MARINATE, Hérica Ferreira dos Santos: **As tecnologias da informação e comunicação (TICs) na Educação de Jovens e Adultos** IN: SILVA, Jaqueline Luzia, et PEREIRA, Pedro Carlos: Educação de jovens e adultos: reflexões a partir da prática.Org

PRETTO, Nelson et PINTO, Cláudio da Costa - **Tecnologias e novas educações**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação: RBE, 2006.

PRETTO, Nelson.L.; SILVEIRA, S.A - **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador:EDUFBA,2008

PRETTO, Nelson (orgs.). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012

RODRIGUES, Melina. **O uso de novas tecnologias em turmas de EJA**. Disponível em: www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/download/2468/2421 Acesso em: 23/09/2017

ROLIM, Anderson, ARAÚJO, Marcelo. **Ensino de jovens e adultos e as novas tecnologias: a perspectiva discente.** Disponível em: www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/download/2899/2836 Acesso em: 24/08/2017

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente as novas tecnologias.** Disponível em: <http://www.ufpr.cleveron.com.br/arquivos/EP_104/dermeval_saviani.pdf> Acesso em: 15/09/2017

SCORTEGAGNA Paola Andressa et Oliveira, Rita de Cássia da Silva - **Educação De Jovens E Adultos No Brasil: Uma Análise Histórico-Crítica**, 2006

